



INCURSÕES CARTOGRÁFICAS E ARTÍSTICAS DE LEON CLEROT NA PARAÍBA

LEON CLEROT'S CARTOGRAPHIC AND ARTISTIC RANSES IN PARAÍBA

Sabrina Fernandes Meloⁱ

UFPB

Emanuelly Guedes Dantas da Nobregaⁱⁱ

UFPB

RESUMO

O artigo discute parte da trajetória e obra do artista e intelectual Leon Clerot e sua contribuição para a arte, história, cultura e preservação do patrimônio na Paraíba a partir de 1940. O texto aborda a criação do Museu do Estado da Paraíba, no qual Clerot participou como idealizador e doador de obras. Em seguida, é discutida a relevância do Centro de Artes Plásticas (CAP) para as Artes Visuais na Paraíba e a atuação de Clerot em sua criação, explorando também o contexto artístico do período. Por fim, é analisada a relação das obras de Clerot e a criação de uma cartografia das imagens paraibanas, associada a um ativismo político e cultural voltado para a catalogação do patrimônio material e imaterial. O artigo adota uma abordagem qualitativa fundamentada em pesquisa documental, bibliográfica e análise de periódicos.

PALAVRAS-CHAVE

Leon Clerot. Museu do Estado da Paraíba. Centro de Artes Plásticas. Cartografia Visual.

ABSTRACT

The article discusses part of the trajectory and work of the artist and intellectual Leon Clerot and his contribution to art, history, culture and heritage preservation in Paraíba from 1940 onwards. The text addresses the creation of the State Museum, in which Clerot participated as creator and donor of works. Next, the relevance of the Plastic Arts Center (CAP) for the Visual Arts in Paraíba and Clerot's role in its creation will be discussed, also exploring the artistic context of the period. Finally, the relationship between Clerot's works and the creation of a cartography of Paraíba images, associated with political and cultural activism aimed at cataloging material and immaterial heritage, is analyzed. The article adopts a qualitative approach based on documentary and bibliographic research and periodical analysis).

KEYWORDS

Leon Clerot. Museu do Estado. Centro de Artes Plásticas. Visual Cartography.



Cartografias errantes

Lá em Bodopitá, na serra pedregosa
Vive próspera e em paz a tribo numerosa,
Da qual Caturité é o maioral valente.
Profundamente bom como o seu nome indica,
No alto da Borborema a sua aldeia fica
Voltada para o Sul e para o Sol nascente

Leon Clerot, Caturité.

Revisitar parte da produção de Leon Clerot (1889-1967) e em sua atuação na Paraíba é percorrer as muitas cartografias que ele desenvolveu. Esse mapeamento oferece um panorama da constelação de interesses e produções realizadas por ele, que atuou como professor, artista, poeta, geógrafo, botânico, paleontólogo, entomólogo, filatelista, tupinólogo, engenheiro civil e de minas.

Leon Francisco Rodrigues Clerot nasceu em Nova Friburgo, Rio de Janeiro em 14 de julho de 1889 (MEMORIAL, 2005, p.5), mesmo ano em que ocorreu a Proclamação da República no Brasil. É filho de um pai francês e uma mãe espanhola. Seu pai, também chamado Leon Clerot, foi artista, colecionador e também trabalhou como escultor. Suas obras fizeram parte do carro da Central do Brasil em que viajaria o Rei D. Carlos em visita à exposição de 1908. (UM GRANDE ARTISTA MODESTO, 1928, p.4).

Leon Clerot pai foi mestre da oficina de cinzeladores na Central do Brasil, gravador na Casa da Moeda até 1912 e escultor da “Cabeça de Cristo”, obra que “figura hoje no Museu Artístico do Vaticano, a qual foi oferecida por um grupo de católicos brasileiros a sua santidade Leão XIII por ocasião do Jubileu papalino” (UM GRANDE ARTISTA MODESTO, 1928, p.4). Portanto, Clerot teve contato com a recém-nascida República, crescendo em um ambiente de arte, onde seu pai atuava em órgãos importantes como artista e professor.

Leon Clerot cursou engenharia no Rio de Janeiro e atuou profissionalmente no estado de Minas Gerais, especificamente na Escola de Agricultura de Pinheiro. Em 1930, mudou-se para João Pessoa, onde viveu até 1967, ano de seu falecimento. Já na Paraíba, lecionou na antiga Faculdade de Filosofia da UFPB, ministrando aulas de



Tupi-guarani, Geografia e organizando expedições para diferentes localidades do estado. Clerot era poliglota e dominava idiomas como francês, espanhol, alemão, latim e esperanto. Patrono da cadeira de nº27 do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - IHGP, fundou dois importantes equipamentos para a preservação histórica e cultural paraibana: A Sociedade Paraibana de Arqueologia e Antropologia e o primeiro Museu do Estado da Paraíba.

Em 1946, Clerot participou da fundação do Centro de Artes Plásticas - CAP, instituição importante para o movimento de modernização da Arte Paraibana em parceria com os artistas Hermano José, Olívio Pinto e Eduard Stucker. Durante sua atuação no CAP, em funcionamento até 1959, Clerot produziu obras de pintura, gravura, contribuiu no ateliê coletivo e participou de exposições.

Mostrando seu espírito errante e inclinado à pesquisa cartográfica e artística, Leon Clerot tinha múltiplos interesses que dialogavam com diversas áreas do conhecimento. No livro 30 anos de Paraíba (1969), demonstra a riqueza de suas pesquisas e a dedicação à história natural do Estado, fósseis, formações rochosas e minerais enquanto relata suas incursões pelo interior. Além disso, publicou outros livros sobre a Paraíba, como Vocabulário de Termos Populares e Gírias da Paraíba (1959) e Os Minérios da Paraíba Acheugas para a sua História (1964).

Clerot demonstrou uma preocupação com a ecologia e com a paleontologia no que diz respeito ao registro da presença de povos indígenas na Paraíba, massacrados pela colonização e pela falta de incentivos em pesquisa e salvaguarda das evidências antropológicas encontradas. Em diversos momentos de seu texto, ressalta o descaso diante da cultura sertaneja, dos bens materiais e imateriais da Paraíba e da falta de uma política pública para acolher e direcionar ações de preservação no contexto do Museu do Estado.

Em um contexto de debates sobre a valorização da História da Arte produzida fora dos centros hegemônicos, destaca-se a importância de explorar as narrativas e contribuições da arte paraibana. Este artigo discute parte da atuação artística, geográfica, ambiental e cultural de Leon Clerot, um nome fundamental na preservação do patrimônio artístico, histórico, cultural e natural da Paraíba.



Primeiramente, será discutida a criação do Museu do Estado da Paraíba, também conhecido como Museu Clerot. Em seguida, será abordada a relevância do CAP para as Artes Visuais na Paraíba e a atuação de Clerot, investigando ao mesmo tempo a sua contribuição e o contexto artístico paraibano em meados da década de 1940. Por fim, discute-se a relação entre as obras de Clerot e a criação de uma cartografia das imagens paraibanas.

Traçar a geografia e a cartografia da Paraíba fundamentada na produção de Clerot permite o desenvolvimento de discussões relacionadas ao campo da arte, da política, do patrimônio e da dinâmica intelectual e artística do período em questão. Essa abordagem possibilita não apenas uma compreensão da produção artística local, mas também uma análise dos contextos sociais, culturais e políticos que influenciaram os modos de ver e compreender essas obras.

Essa discussão se associa a um ativismo político e cultural voltado para a catalogação do patrimônio, que incorpora diversas perspectivas teóricas. Entre elas, destacam-se a paleontologia, a linguística - exemplificada pela criação do dicionário da língua Tupi - e o estudo visual de suas obras. Estas não apenas retratam, mas também cartografam visualmente as paisagens paraibanas, do sertão, do rio e do mar.

O “Museu Clerot”

O Museu do Estado da Paraíba foi projetado pelo Governo do Estado e organizado por Leon Clerot, seu primeiro diretor. Situado na Rua das Trincheiras, número 163, foi inaugurado no dia primeiro de janeiro de 1956, cerca de 10 anos após a assembleia constituinte que o criou. Naquela ocasião, esteve presente o então governador do Estado José Américo de Almeida, além de intelectuais como Gilberto Freyre (FILHO, 2007, p.). O museu contava com mais de três mil peças e o “acervo de material destinado a essa instituição é considerável, mas tem se conservado praticamente aproveitado, de vez que não pode ser organizado e classificado para ficar à disposição do público” (PROBLEMAS DA CIDADE. O Norte, 1954, p.2) . Portanto, a inauguração do Museu era uma urgência pois tinha o objetivo de “oferecer aos estudiosos o



material documentário já reunido e outros que depois foi sendo reunido” (Problemas da Cidade: Museu. 1954, p.2). Devido ao impasse do local para instalar o Museu, decidiu-se pelo aproveitamento do prédio onde funcionou a Faculdade de Filosofia e com a colaboração do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba - IHGP. (INAUGURAÇÃO DO MUSEU DO ESTADO, O Norte, 1956).

As condições já limitadas de sua fundação endossam as palavras de Clerot (1969) no livro 30 anos na Paraíba, onde aponta a falta de verbas para catalogar e preservar artefatos e materiais paleontológicos, muitas vezes danificados devido a falta de fiscalização na desobstrução de tanques que continham material arqueológico. Quanto aos resquícios arqueológicos encontrados, havia também a presença de galerias arqueológicas, das quais o Museu do Estado não administrou por falta de verbas:

O Museu do Estado deveria ter como obrigação precípua a fiscalização das desobstrução dos "tanques" e a necessária verba para colaborar com os proprietários ou, quando menos, para orientar o trabalho de modo a salvaguardar o material paleontológico retirado que nas condições atuais se perde para todo o sempre. Mas, o Museu só dispõe das verbas estritamente necessárias para manter-se em situação burocraticamente estática. (CLEROT, 1969, p.24).

Além dos fósseis e minérios, o processo de catalogação do acervo e a história oficial do Museu são pouco conhecidos, incluindo as condições legais de sua formação e dissolução. Da origem deste acervo, foram encontrados registros jornalísticos do achado de um fragmento de um maxilar pertencente a um Toxodonte, mamífero do Pleistoceno, que foi agregada ao Museu, “enriquecendo a Secção de Paleontologia, tendo o Diretor desta instituição deixado instruções para a exumação dos restos fósseis desse curioso animal” (RICA DOAÇÃO AO MUSEU DO ESTADO, O Norte, 1956, p.4). O acervo contava com obras de povos indígenas, dentre elas ferramentas e adornos. Sobre outras seções do acervo, consta que foram compostas por meio de doações feitas pelo:

jornalista José Leal, uma coleção de litografias, desenhos de J. Wast Rodrigues, dos Uniformes Militares do Brasil. Do Serviço de Assistência Social uma cadeira de braços com as armas do Estado, do antigo mobiliário do Palácio do Governo. (MUSEU DO ESTADO, O Norte, Preciosas Ofertas, 1956.)



Apesar das limitações de infraestrutura, Clerot administrou um espaço de grande importância histórica e artística para a Paraíba, com o potencial de incentivar a interiorização das pesquisas no estado e a valorização do patrimônio local. Em duas ocorrências de manchetes, foram localizados os seguintes registros de visitas ao Museu: 272 pessoas, de 2 a 8 de Janeiro de 1956, (MUSEU DO ESTADO - Preciosas Ofertas, *O Norte*, 1956.) e 294 pessoas, de 10 a 16 de janeiro do mesmo ano. (RICA DOAÇÃO AO MUSEU DO ESTADO, *O Norte*, 1956, p.4). Diante desses dados, percebe-se que o museu possuía uma frequência de público significativa no período de sua inauguração, demonstrando o interesse da comunidade em conhecer seu acervo.

Frente à ausência de auxílio efetivo, manutenção e infraestrutura que deveriam ser disponibilizadas pelo Estado da Paraíba, o Museu se extinguiu em um breve período, sem que medidas efetivas para a sua manutenção fossem tomadas. Nesse sentido, observa-se a sobrecarga incubida a Clerot, que “se prestou a trabalhar a título gracioso contanto que nosso Estado tivesse o seu Museu, começou a viver precariamente, situação que se agravou em virtude do desinteresse dos poderes públicos pela sua sorte.” Neste contexto, foram relatados nos jornais a situação do museu, sem resolução efetiva “donde se deduz que existe uma conspiração surda como objetivo de matar o Museu Do Estado de inanição. (INANIÇÃO DO MUSEU, *O Norte*, 1956, p.2)

Centro De Artes Plásticas – CAP

A fundação do Centro de Artes Plásticas - CAP, foi noticiada pelos jornais como o “Renascimento da Pintura Paraibana”. A genealogia do CAP, de acordo com as fontes analisadas, remonta à história da arte paraibana, que apresentou ao mundo nomes como Pedro Américo e seu irmão Aurélio de Figueiredo. Essa nova geração de artistas, que ressurgiu após um “hiato” na pintura Paraibana, emergiu na década de 1940, marcada pela “primeira exposição de pintura, num verdadeiro renascimento artístico” (CASTRO e SILVA, *O Norte*, 1947, p.2).



A exposição promovida pelo CAP foi sediada na Associação Paraibana de Imprensa. Amplamente divulgada pela imprensa local, a exposição teve um número considerável do público. A mostra contou com mais de 100 obras e diversos artistas como José Lyra, Pinto Serrano e Leon Clerot, abarcando diferentes técnicas de pintura como sépia, sanguínea, aquarela e óleo. Dos diversos gêneros pictóricos utilizados, foram realizadas marinhas, natureza morta, retratos, interiores e paisagens. Técnicas múltiplas, mas que encontravam na pintura seu ponto de partida.

O CAP tinha como proposta manter um curso permanente de pintura e desenho, além de articular exposições de pintura de forma periódica. No entanto, passou cerca de uma década sem conseguir cumprir tal objetivo devido à falta de verbas. Em 1952, passou a oferecê-los, tornando-se um local de projeção para novos artistas, especialmente mulheres, por ter uma abrangência em questão de idade e gênero. Naquele mesmo ano foi realizada uma exposição no Instituto de Previdência e Aposentadoria dos Servidores do Estado - IPASE, “que muito entusiasmou o público sensível à arte” (CENTRO DE ESTUDOS, 1954). Os alunos, ao serem admitidos, iniciavam os estudos em desenho, e, após ‘evoluírem’ a técnica, passavam a estudar pintura. É o caso da artista Clarice Lins, que iniciou os estudos com a apresentação de um desenho do gênero Natureza Morta, e, após ser avaliada por Leon Clerot e Hermano José, passou a estudar desenho, e em seguida, tornou-se professora do CAP. (FILHO, 2007, p.337-338).

Diante da efervescência artística da época, possibilitada pela diversidade de médiuns e de construções poéticas, Leon Clerot produziu principalmente desenhos, utilizando sanguínea e crayon em uma cartografia visual que capturou as paisagens paraibanas do sertão, do rio e do mar.

O Sertão, o Rio e o Mar

A produção artística de Clerot começou provavelmente antes do seu envolvimento com o CAP e sua mudança para a Paraíba, embora não esteja tão bem documentada quanto seus trabalhos científicos. No entanto, essa experiência técnica e teórica



possibilitou a Clerot um olhar direcionado ao ativismo, que consiste em utilizar a Arte como veículo de informação e de ativismo, onde as produções artísticas são entendidas como uma maneira de evidenciar seus conhecimentos e preocupações com o patrimônio cultural e com a ecologia, questionando condutas políticas e culturais que ameaçam os bens culturais e naturais. Durante sua atuação no Museu do Estado e em defesa da preservação da falésia do Cabo Branco, situada na orla da cidade de João Pessoa, Clerot demonstrou uma abordagem artística engajada a seus estudos técnicos e teóricos. Suas obras podem ser também percebidas em consonância com seu engajamento político, de cartografar e preservar o patrimônio, paisagens e biomas da Paraíba, colocando questões que, ainda hoje, se fazem urgentes.

Em 1907, no Rio de Janeiro, Leon Clerot participou ativamente da Escola Evolucionista, movimento intelectual e artístico da época. Entre os participantes estava o poeta Alberto Nunes, que criticava o parnasianismo, e Carlos Alberto Maul, poeta, escritor, historiador e crítico literário. A Escola Evolucionista defendeu uma visão da arte com um “fundo científico, era plena liberdade de criação do indivíduo sujeito às leis normais da evolução” (MAUL, 1952, p. 38). O Manifesto da Escola, redigido por Alberto Nunes e assinado por diversos jovens intelectuais, incluindo o jovem Leon Clerot, então com dezoito anos, (Imagem 1), gerou debates e notoriedade para o movimento. A preocupação central dos jovens intelectuais associados à Escola Evolucionista era a de:

Não se assemelhar a ninguém, não queriam ser senão eles mesmos, cada qual com características pessoais definidas ao inverso dos parnasianos que padronizam a sua arte por um molde que uniformiza os espíritos e lhes reduzia a comunicabilidade. (MAUL, *O Malho*, 1952, p. 39)



Imagem 1. De pé: da direita para a esquerda: Carlos Maul, Leon Clerot e O. Muniz. Sentados: da direita para esquerda: A. F. Cardoni, Alberto Munez e Themudo Lessa. (Foto de 1917. Os fundadores da Escola Evolucionista). Fonte: Jornal *O Malho*, 1952.

A escola evolucionista provavelmente legou a Leon Clerot o espírito de suas produções artísticas na Paraíba. Em sua obra, ele delineia uma cartografia das paisagens paraibanas, desde o sertão até o litoral. Este percurso geográfico e cartográfico demonstra sua preocupação em representar não apenas a capital, João Pessoa, como a maioria de seus contemporâneos, que muitas vezes se concentram apenas nas praias da cidade. Clerot, diferentemente, realizava incursões ao interior do estado, buscando capturar a diversidade visual da Paraíba. Suas obras retratam desde paisagens áridas do sertão até regiões ribeirinhas e costeiras.

A obra *A Seca no Sertão* (Imagem 2), de 1952, é um estudo da paisagem sertaneja realizada por Clerot. Ao utilizar a técnica da sanguínea, Clerot não apenas desenhava o sertão, mas criava uma extensão da sua própria percepção sobre a região. Clerot realizou diversas expedições ao Sertão paraibano, dentre elas destaca-se a viagem realizada com os alunos do curso de geografia da Universidade Federal da Paraíba em 1959 para as cidades de Juazeirinho, Patos, Coremas, Teixeira e Taperoá. O



objetivo era explorar as “diversas formações de solo, tipos de vegetação, divisão e seus vários sistemas hidrográficos, formação ecológica e divisões geográficas” (PARAÍBA, 1959, p.2)

A tonalidade marrom-avermelhada da sanguínea, remanescente da terra ressequida pelo calor, apresenta visualmente a aridez do ambiente e transmite uma sensação tátil. A cor e a textura escolhidas por Clerot demonstram uma profundidade conceitual e a experiência sensorial diante desta paisagem, a qual percorreu inúmeras vezes através de expedições e estudos.

Clerot explora a construção de profundidade na paisagem. A representação da montanha ao fundo, com seus contornos ásperos e irregulares é acentuada pelos contrastes da vegetação, que muda, se reinventa, mostrando que no Sertão não há homogeneidade. As nuvens pictóricas, com contornos difusos, se desprendem da linearidade própria do desenho. À esquerda, uma vaca e um bezerro se juntam à paisagem, identificando uma atmosfera de quietude, contemplação e vida.

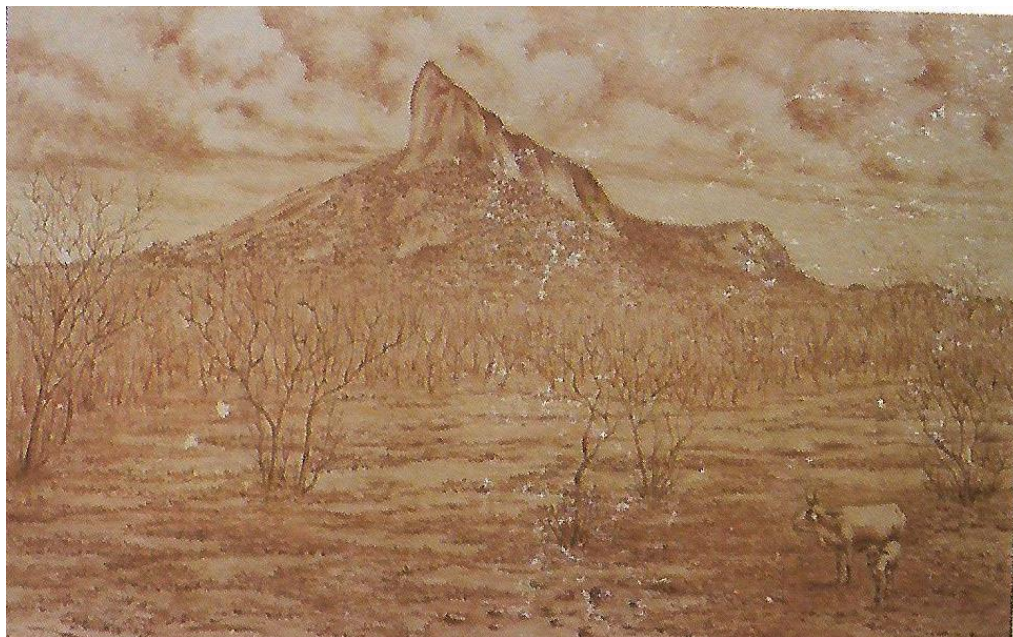


Imagem 2. Leon Clerot. Seca no Sertão, 1952. Sanguínea. 27 cm x 42 cm. Coleção José Carlos Clerot. Fonte: Catálogo da Exposição Centro de Artes Plásticas da Paraíba (1946-59), 1998.



Os rios da Paraíba ocuparam um lugar central nos estudos de Clerot, com destaque para o Rio Mamanguape, cuja origem etimológica foi cuidadosamente analisada por ele. Segundo Clerot (1969, p.145) o nome Mamanguape deriva de “ *Maman-gua-pe*” que significa “no vale fechado”; de *maman*, abraçar, cingir, cercar, *gua*, vale, baixado”. O estudo filológico realizado por Clerot, que remonta às origens indígenas do nome dado ao Rio Mamanguape, revela não apenas sua sensibilidade para as características visuais das paisagens paraibanas, mas também para suas raízes linguísticas e culturais. Em sua abordagem, ele transcende a mera descrição física das paisagens e adentra em uma geografia e cartografia que ultrapassa o sentido físico, mas toca também nas sensibilidades.

No desenho em crayon do Rio Mamanguape (Imagem 3) , Clerot emprega uma paleta de cores sutil, focando em um estudo detalhado da paisagem, vegetação e iluminação. O rio e seu espelho d'água, refletindo a luz do ambiente, contrasta com a rica vegetação da mata ciliar, destacando a importância desse ecossistema na preservação dos rios e de suas redes de drenagem.

A preocupação de Leon Clerot com a preservação ambiental é evidenciada no seu envolvimento com a Sociedade Protetora das Árvores, conforme registrado a seguir:

Em recente reunião levada a efeito pela Sociedade Protetora das Árvores (...) Tratou-se da designação do engenheiro Leon Clerot para inspecionar as matas de Camaratuba e Ribeira do Maranguape, assim como de outros problemas importantes. Inclusive a investigação sobre o caso de devastação de matas no sul do Estado, pela Companhia de Técnicos Paulistas.” (SOCIEDADE PROTETORA DAS ÁRVORES, 1944).

Além disso, foi às margens dos rios da Paraíba que Clerot fez descobertas importantes, como fósseis e instrumentos da cultura indígena. Ele relata: “ Passaram-se anos, novas pedreiras entraram em exploração nas vizinhanças da capital e no litoral de Mamanguape, todas ricas de fósseis que nunca foram preservados de destruição”. (CLEROT, 1969, p.119)

Clerot também menciona a exumação de urnas funerárias de barro cozido, pertencentes à cultura Tupi-Guarani, durante a construção da rodovia Sapé-Mamanguape:



Da cultura Tupi-Guarani foram exumadas, na Paraíba, urnas funerárias de barro cozido, por ocasião da construção da rodovia Sapé-Mamanguape nos cortes praticados na fazenda do Leitão à direita do rio Mamanguape. Essas urnas continham as respectivas múmias. As urnas foram quebradas e as múmias enterradas não se sabe onde. (CLEROT, 1969, p.130)



Imagem 3. Leon Clerot. Rio Mamanguape, s/d. Crayon sobre papel. 16 cm x 24 cm. Fonte: Catálogo da Exposição Centro de Artes Plásticas da Paraíba (1946-59), 1998.

A *Marinha* (Imagem 4) destaca o encontro de três elementos: ar, terra e água. Na obra, a atmosfera representa um papel importante. As nuvens densas, como um prelúdio de tempestade, contrastam com o mar, que aparenta um movimento sutil, quase suspenso no tempo. No primeiro plano, no canto direito da imagem, estão dispostas folhagens que representam uma vegetação de restinga. Logo à frente, ocupa no desenho uma composição de rochas, possivelmente originadas do embate das águas com a falésia, que está disposta ao fundo e aparenta se tratar da barreira de Cabo Branco, uma das preocupações geológicas de Leon Clerot. É também um tema frequente na iconografia da Arte Paraibana desde os anos 20. Ao compreender o desaparecimento iminente da falésia, intensificado pelas ações humanas e pela urbanização, há uma provável tentativa de registrar o estado da barreira, à sua época. Sobre o futuro do Cabo Branco, Clerot (1969, p.13) escreve:



Que o Cabo Branco está fadado a desaparecer, é fato: fora de qualquer dúvida. A ação abrasiva do mar, solapando nas marés cheias a sua base, provoca a todo momento o desmoronamento de prismas de terra de suas encostas cuja aluvião o mar dissolve e carrega mudando- lhe o aspecto e reduzindo-lhe o volume. A sua maior elevação acima do nível do mar já desapareceu.



Imagem 4. Leon Clerot. Marinha, 1946. Crayon sobre papel. 16 cm x 24 cm. Fonte: Catálogo da Exposição Centro de Artes Plásticas da Paraíba (1946-59), 1998.

Segundo Yi-Fu Tuan (1980, p. 129), geógrafo e estudioso do campo da percepção do espaço e do lugar, “os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar), um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época”. Ou seja, aquilo a que se manifesta atenção está sempre ligado às propensões do sujeito, bem como o contexto da época em que se encontra. Como artista, Leon Clerot produziu obras com um sentido científico, buscando entender o meio ambiente em consonância com seus estudos. A partir desta análise, é possível compreender que a Arte é um imbricado de signos e percepções dotadas de sentido.



Ao representar graficamente e cartografar as paisagens paraibanas, Leon Clerot não apenas documentou visualmente o estado, mas também participou ativamente da divisão fisiográfica das zonas paraibanas. Além disso, sua obra abrange visualidades ameaçadas tanto por fenômenos naturais quanto pelas ações humanas.

Infinitas cartografias

Através deste panorama abrangente das atividades de Leon Clerot na Paraíba, é possível refletir sobre a consolidação da Arte e dos Museus no estado a partir da década de 1940, assim como obter um entendimento mais amplo sobre o contexto cultural da época. Suas contribuições cartográficas e artísticas foram fundamentais para conhecer e valorizar o território paraibano e suas potencialidades.

Além de suas incursões nas áreas de artes visuais, antropologia, geologia, paleontologia e ensino, Clerot foi atuante na efervescência artística das décadas de 1940-50. Naquele período, a Paraíba carecia de cursos de artes plásticas e até mesmo de um museu estabelecido (ZACCARA, 2009). Apesar do impacto positivo de iniciativas como o CAP e o Museu do Estado, ambos enfrentaram desafios devido à falta de infraestrutura e apoio governamental, o que acabou inviabilizando sua continuidade. No caso específico do Museu do Estado, a destinação de seu acervo permanece desconhecida. No entanto, é fundamental continuar investigando seu destino, pois o entendimento desse acervo é essencial para compreender o contexto em que foi formado, a história da arte na Paraíba e a atuação de personagens como Leon Clerot, ainda pouco estudados na historiografia. As contribuições de Clerot representam apenas uma das muitas 'infinitas cartografias' realizadas por artistas visuais, grupos étnicos e intelectuais que trabalham com os biomas, a terra e as paisagens paraibanas.



Referências

BECHARA, Filho Gabriel. **A construção do campo artístico na Bahia e na Paraíba**, (1930-1959). UFBA. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Tese de Doutorado, 2007.

CLEROT, Leon Francisco. **30 anos na Paraíba. memórias Corográficas e outras memórias**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1969.

CLEROT, Leon Francisco. Caturité - A Lenda de Potira. In: **A MINHA HOMENAGEM AO POETA DR. CLEROT**. Disponível em: <https://www.ihgp.net/trabalhos/potira.php>. Acesso em: 01/04/2024.

CLEROT, Leon. Marinha. 1946. Crayon sobre papel. 16 cm x 24 cm. In: **Exposição Centro de Artes Plásticas da Paraíba (1946-59)**. Catálogo. João Pessoa, 1998.

CLEROT, Leon. Rio Mamanguape. sem data.. Crayon sobre papel. 16 cm x 24 cm. In: **Exposição Centro de Artes Plásticas da Paraíba (1946-59)**. Catálogo. João Pessoa, 1998.

CLEROT, Leon. Seca no Sertão. 1952. Sanguínea. 27 cm x 42 cm. In: **Exposição Centro de Artes Plásticas da Paraíba (1946-59)**. Catálogo. João Pessoa, 1998.

MEMORIAL: EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO DO IHGP 1905/2005. In: **LEON CLEROT PATRONO**. Livro digital, 2005, p.5. Disponível em: <https://www.ihgp.net/livros/memorial-do-centenario/5.php>. Acesso em: 13/06/2024

NETO, José Batista de Lira. Atentado contra um patrimônio arqueológico tombado: “ Estão destruindo os famosos petróglifos de Ingá” (1952-1953). In: **Revista do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB**.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difusão Editorial do Livro, 1980.

ZACCARA, Madalena. **Anotações sobre as Artes Visuais na Paraíba**. João Pessoa: Ideia, 2009.

FONTES

CASTRO e SILVA. O Renascimento da Pintura na Paraíba. Jornal **O Norte**, João Pessoa, Paraíba. Dezembro de 1947, p.2.

CENTRO DE ESTUDOS. Jornal O Norte. In: **Já realizou o Centro de Artes Plásticas 4 vitoriosas exposições de pintura**. João Pessoa, Paraíba. 12 de Setembro de 1954

INANIÇÃO DO MUSEU. Jornal **O Norte**, João Pessoa, Paraíba. 16 de Junho de 1956.

INAUGURAÇÃO DO MUSEU DO ESTADO. Jornal **O Norte**, João Pessoa, Paraíba. Terça-Feira, 3 de janeiro de 1956.



MAUL, Carlos. Meio século de vida literária. Jornal **O Malho**, Rio de Janeiro, 1952.

MUSEU DO ESTADO - Preciosas Ofertas, Jornal **O Norte**, João Pessoa, Paraíba. 10 de Janeiro de 1954.

PARAÍBA - Os alunos do curso de Geografia [...]. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 3 de abril de 1959, p. 8.

PROBLEMAS DA CIDADE: MUSEU. Jornal **O Norte**, João Pessoa, Paraíba, p.2. 27 de Novembro de 1954.

RICA DOAÇÃO AO MUSEU DO ESTADO. Jornal **O Norte**, João Pessoa, Paraíba. p.4. 17 de Janeiro de 1956

SOCIEDADE PROTETORA DAS ÁRVORES. Diário de Pernambuco. In: **ATOS DO GOVERNO ESTADUAL**. 16 de março de 1944.

UM POUCO DE ARTE NO TUMULTO FERROVIÁRIO DA CENTRAL DO BRASIL. In: **UM GRANDE ARTISTA MODESTO**. O Jornal, Rio de Janeiro, p. 4, Junho de 1928.

Notas

ⁱ Professora no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e no Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais - PPGAV/UFPB/UFPE. Historiadora e Museóloga (COREM-1R 554.I). Pós Doutora em História. Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018) com pesquisa realizada na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, Portugal (2017). sabrina.melo@academico.ufpb.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5259-3360>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1495222244414936>. João Pessoa, Brasil.

ⁱⁱ Estudante de Graduação no Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente, atua como bolsista de Iniciação à Pesquisa (PIBIC-UFPB) e como voluntária no projeto Mulheres Artistas na Paraíba. egdn@academico.ufpb.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6282715173122940>. João Pessoa, Brasil.